

A percepção de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública sobre a ginástica para todos (GPT)

The perception of students in the early years of elementary school of a public school about gymnastics for all (GFA)

La percepción de los estudiantes de los primeros años de la escuela primaria en una escuela pública sobre la gimnasia para todos (GPT)

Recebido: 13/06/2022 | Revisado: 29/06/2022 | Aceito: 02/07/2022 | Publicado: 11/07/2022

João Paulo Oliveira do Nascimento

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7962-8949>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: jpdeoliveira27@gmail.com

Cássio Lucas Silva de Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7002-6570>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: cassiolucas.limaa@gmail.com

Lionela da Silva Corrêa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5762-5189>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: lionela@ufam.edu.br

João Otacilio Libardoni dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1048-8164>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: jlibardoni@ufam.edu.br

Evandro Jorge Souza Ribeiro Cabo Verde

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8850-8102>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: caboverde@ufam.edu.br

Resumo

A Base Nacional Comum Curricular, ao tratar do componente curricular Educação Física, especificamente na unidade de ginástica, aponta como objeto de conhecimento a Ginástica Para Todos (GPT). Com uma recente alteração no currículo municipal de educação de Manaus, seguindo as normativas da BNCC, essa prática foi inserida como conteúdo da Educação Física no ensino fundamental. Desse modo, esta pesquisa teve como objetivo investigar a percepção de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública sobre a GPT nas aulas de educação física. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, caracterizada como pesquisa-ação. Participaram da pesquisa 16 alunos de uma turma do 4º ano do ensino fundamental, matriculados em uma escola municipal da cidade de Manaus. Para coleta de dados utilizou-se de questionário, aplicação de aula teórico-prática, grupo focal e diário de campo. A análise de dados foi realizada mediante análise de conteúdo. Dos resultados emergiram duas categorias: “do desconhecimento e desconforto à satisfação no ginastigar” e “a euforia na descoberta das possibilidades acrobáticas”. Evidenciou-se que os alunos desconheciam a prática da GPT. No primeiro contato, estranharam as atividades por estarem acostumados com outras práticas, por exemplo, as que envolviam bola, mas ao descobrirem a GPT, os alunos se mostraram interessados, demonstrando: divertimento, bom trabalho em equipe, criatividade, interação com os colegas e com o meio e, ainda, interesse na plasticidade de movimentos e figuras que até então só haviam visto na televisão, como os saltos (acrobática) e a pirâmide humana.

Palavras-chave: Ginástica para todos; Amazônia; Educação Física escolar; Conteúdos; Base Nacional Comum Curricular.

Abstract

The National Common Curricular Base (BNCC), when dealing with the Physical Education curricular component, specifically in the gymnastics unit, points out Gymnastics for All (GFA) as an object of knowledge. With a recent change in the municipal education curriculum in Manaus, following the BNCC regulations, this practice was inserted as a Physical Education content in elementary school. Thus, this research aimed to investigate the perception of students in the early years of elementary school in a public school about GFA in physical education classes. It was qualitative research, characterized as action research. Participated in the research 16 students from a class of the 4th year of elementary school, enrolled in a municipal school in the city of Manaus. For data collection, we used a questionnaire,

application of theoretical-practical classes, focus group and field diary. Data analysis was performed using content analysis. Two categories emerged from the results: “from ignorance and discomfort to satisfaction in gymnastics” and “the euphoria in the discovery of acrobatic possibilities”. It was evident that the students were unaware of the practice of GFA. In the first contact, they found the activities strange because they were used to other practices, for example, those involving the ball, but when they discovered GFA, the students showed interest, demonstrating: fun, good teamwork, creativity, interaction with colleagues and with the medium and also an interest in the plasticity of movements and figures that until then had only been seen on television, such as jumps (acrobatics) and the human pyramid.

Keywords: Gym for all; Amazon; School Physical Education; Contents; Common National Curriculum Base.

Resumen

La Base Curricular Común Nacional, al tratar el componente curricular de Educación Física, específicamente en la unidad de gimnasia, señala a la Gimnasia para Todos (GPT) como objeto de conocimiento. Con un cambio reciente en el currículo de educación municipal de Manaus, siguiendo las normas de la BNCC, esta práctica fue insertada como contenido de Educación Física en la escuela primaria. Por lo tanto, esta investigación tuvo como objetivo investigar la percepción de los estudiantes de los primeros años de la escuela primaria en una escuela pública sobre GPT en las clases de educación física. Fue una investigación cualitativa, caracterizada como investigación acción. Participaron de la investigación 16 alumnos de una clase del 4º año de la enseñanza fundamental, matriculados en una escuela municipal de la ciudad de Manaus. Para la recolección de datos se utilizó cuestionario, aplicación de clases teórico-prácticas, grupo focal y diario de campo. El análisis de datos se realizó mediante análisis de contenido. De los resultados surgieron dos categorías: “de la ignorancia y el malestar a la satisfacción en la gimnasia” y “la euforia en el descubrimiento de posibilidades acrobáticas”. Se evidenció que los estudiantes desconocían la práctica de GPT. En el primer contacto, las actividades les resultaron extrañas porque estaban acostumbrados a otras prácticas, por ejemplo, las que involucran el balón, pero cuando descubrieron GPT, los estudiantes mostraron interés, demostrando: diversión, buen trabajo en equipo, creatividad, interacción con compañeros y con el medio y también un interés por la plasticidad de movimientos y figuras que hasta entonces sólo se habían visto en televisión, como los saltos (acrobacias) y la pirámide humana.

Palabras clave: Gimnasia para todos; Amazonas; Educación Física Escolar; Contenido; Base Curricular Nacional Común.

1. Introdução

A ginástica é uma manifestação da cultura corporal, uma forma particular de se exercitar, na qual a combinação de movimentos, ritmos e formas oferecem enriquecedoras experiências para pessoas de todas as idades (Soares et al., 1992). No decorrer da história, assumiu diversos contornos e finalidades, e atualmente, em um extenso conjunto de modalidades, compõe uma gama de possibilidades e campos de atuação.

Dentre as práticas gímnicas há a ginástica para todos (GPT), que é uma prática em grupo que vem crescendo nacionalmente, tanto em número de praticantes como em produções acadêmicas. Em função do segundo aspecto, cabe mencionar que a produção científica está essencialmente voltada para aspectos pedagógicos do desenvolvimento da modalidade GPT (Carbinatto et al., 2016).

Conhecida pela não competitividade, a GPT se manifesta por meio de apresentações coreográficas, que podem ser desenvolvidas em distintos contextos (universitário, escolar, clubista, de academia, grupos independentes, em organizações não governamentais, associações), sendo flexível e acessível tanto para heterogeneidade quanto ao perfil dos praticantes, níveis de habilidades e conhecimento corporal e sobre as ginásticas (Menegaldo & Bortoleto, 2020).

A prática da GPT se dá por meio da participação de várias pessoas, com ou sem conhecimento de atividades gímnicas. Logo, sua prática possui alguns pilares que servem como pontos de partida para o desenvolvimento das aulas e/ou encontros. Tais pilares são denominados como “4 F’s”, sendo eles: diversão (*fun*), aptidão física (*fitness*), fundamentos (*Fundamentals*) e as relações interpessoais (*friendship*) (Corrêa et al., 2020a).

A GPT e seus pilares podem e devem ser incluídos no ambiente escolar, visto que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no componente curricular Educação Física, em específico na unidade de ginástica, aponta como objeto de conhecimento a Ginástica para Todos (Brasil, 2018).

De forma ampla, entende-se que essa prática oportuniza aos professores de educação física escolar uma ferramenta para desenvolver diferentes domínios de aprendizagens (cognitivo, motor, social, afetivo) sem discriminar sexo, peso, altura, entre outros aspectos. Ainda, de forma multidisciplinar, pode-se desenvolver fatores que promovam a saúde, o bem-estar, bem como elementos referentes aos escopos educacionais, atitudinais e culturais (Acacio & Venditti Junior, 2016).

Dada a sua importância também no ambiente escolar, o currículo municipal de educação de Manaus (2021) foi alterado seguindo as normativas da BNCC, com essa prática inserida como conteúdo da Educação Física no ensino fundamental. Assim, esta pesquisa teve como objetivo investigar a percepção de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública sobre a GPT nas aulas de educação física.

2. Metodologia

Essa pesquisa recorreu à abordagem qualitativa, caracterizando-se como pesquisa-ação que, de acordo com Severino (2017), é aquela que além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. Assim, ao mesmo tempo em que se realiza um diagnóstico e análise de determinada situação, propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas.

Compuseram a amostra uma turma do 4º ano do ensino fundamental I de uma escola da Zona Centro-Oeste de Manaus. A turma era composta por 16 alunos, sendo oito meninos e oito meninas.

Para a participação no estudo, os estudantes deveriam estar regularmente matriculados na escola pública em questão; ser frequentes nas aulas de educação física; ter assinado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE); e os pais ou responsáveis ter assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Por se tratar de uma pesquisa envolvendo seres humanos, cabe mencionar que o estudo foi submetido e aprovado (CAAE: 08947219.4.0000.5020) no Comitê de Ética em Pesquisa.

A coleta de dados se deu em quatro etapas, a saber: questionário, aula teórico-prática, grupo focal e diário de campo, apresentadas abaixo.

Questionário

Na primeira fase, foi aplicado um questionário elaborado pelos pesquisadores, com perguntas duas perguntas a fim de verificar se os conheciam a prática da GPT: a) Conhece a Ginástica para todos (GPT)? b) Já praticou a GPT? Se sim, onde?

A aplicação do questionário aconteceu em sala de aula, antes das intervenções com aulas teórico-prática.

Aula teórico-prática

A intervenção aconteceu mediante atividade teórica e prática abordando a GPT. No planejamento, foram englobadas as três dimensões: conceitual, procedimental e atitudinal.

Em aula expositiva, a dimensão conceitual contou com a apresentação da GPT, seus fundamentos, as possibilidades coreográficas, materiais e público. A dimensão procedimental foi desenvolvida por meio de uma aula prática, em que foi apresentado aos alunos algumas atividades de interação, confiança e exercícios acrobáticos. Por fim, a dimensão atitudinal foi o retorno obtido na pesquisa, isto é, a percepção dos alunos acerca da modalidade.

A aula foi realizada no horário de educação física, com duração de cinquenta minutos. Os primeiros 10 minutos foram voltados para o contato inicial, exposição teórica e aplicação do questionário. Os quarenta minutos finais foram direcionados à aula prática. A aula teve como objetivo principal apresentar o conteúdo proposto para que os alunos tivessem a vivência prática de GPT. Desse modo, foi proposto aos alunos atividades gímnicas individuais como saltos e rolamentos e trabalhos em grupo, por meio de uma atividade com arcos visando chegar nas figuras.

Grupo focal

Na terceira etapa, foram realizados grupos focais. De acordo com Aschidamini e Saupe (2004, p. 10) “o principal objeto do Grupo Focal consiste na interação entre os participantes e o pesquisador e a coleta de dados, a partir da discussão com foco, em tópicos específicos e diretivos.” Além disso, os autores também apontam que o grupo focal, em seu caráter subjetivo de investigação, é utilizado como estratégia metodológica qualitativa.

Isso, pois, objetiva reunir informações detalhadas sobre um tópico específico, a partir de um grupo de participantes selecionados, buscando colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços (Trad, 2009).

Para realização dos grupos focais, os participantes foram divididos em dois grupos de oito alunos, a fim de permitir a participação efetiva de todos e a discussão adequada dos temas. Para essa divisão foram sorteados quatro meninos e quatro meninas para cada grupo.

Foram realizados dois grupos focais, sendo uma sessão com cada grupo. Os grupos focais foram realizados na quadra e os alunos foram distribuídos em forma circular. Um roteiro de questões norteou a discussão, perguntando se já conheciam a prática, o que acharam das aulas, qual opinião sobre a prática da GPT. Foram utilizados gravadores de voz para o registro, com autorização prévia dos participantes.

Aschidamini e Saupe (2004, p. 11) apontam que o número de sessões/encontros varia de acordo com a complexidade da temática e do interesse da pesquisa. Nesse sentido, os autores também apontam que “não existe, portanto, um padrão para o número de sessões de Grupo Focal, dependendo sobretudo dos objetivos traçados pelo pesquisador.”

Diário de campo

O diário de campo, elaborado pelos pesquisadores, se deu a partir do trabalho de campo, contando com o registro de observações nas aulas. A partir de um roteiro prévio, enquanto um pesquisador realizava a intervenção, outros dois realizavam as observações e registro no diário. Após as aulas o pesquisador que realizou as intervenções também realizava seus registros.

O roteiro de observações consistia em: participação dos alunos nas aulas (atenção ao que era exposto na aula teórica, perguntas realizadas ao professor, execução das atividades práticas, tentativas de realizar um movimento); relações interpessoais (confiança no colega ou p

rofessor, conversas que surgiam no decorrer das atividades, resoluções de problemas em grupo, trabalho em equipe).

Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada mediante análise de conteúdo proposta por Bardin (2016). Baseado no que a autora propõe, os resultados foram organizados após a pré-análise, seguidos de exploração do material e, por fim, com o tratamento dos resultados obtidos e interpretados. As entrevistas foram transcritas no Word e, posteriormente, houve uma leitura exaustiva para que fossem encontrados os pontos que mais se destacaram, os quais serviram para traçar as categorias (a posteriori) de análise. Por fim, buscou-se literaturas para discutir os resultados encontrados.

3. Resultados e Discussão

A partir das estratégias de coleta de dados supramencionadas foi possível identificar pontos que são pertinentes na investigação da percepção de alunos acerca da prática de GPT. Os aspectos mais evidentes e que serviram de base para o delineamento das categorias de análise são: do desconhecimento e desconforto à satisfação no ginastacar; e, a euforia na descoberta das possibilidades acrobáticas, apresentadas a seguir.

3.1 Do desconhecimento e desconforto à satisfação no ginasticar

No primeiro contato com os alunos foi perguntado “Quem conhece a ginástica para todos (GPT)?”, com a maioria respondendo que não a conhecia (N=15). Em seguida, foi aplicado o questionário, contendo a pergunta feita oralmente e a seguinte pergunta: “Já praticou? Se sim, onde?”. Nesse momento, apenas uma aluna indicou que sim, afirmando vagamente ter praticado a GPT no centro da cidade. Dessa forma, ficou evidente que se tratava de uma prática que não conheciam no ambiente escolar.

O resultado do questionário evidenciou que as atividades gímnicas ainda são pouco exploradas nas aulas de educação física. A GPT, por exemplo, é uma prática que engloba todas as ginásticas e acredita-se que sua inserção propiciaria inúmeros benefícios para o desenvolvimento dos alunos, sendo eles conceituais, físicos, culturais, históricos e relacionados à cultura corporal. Desse modo, Santos, Nobre, Niquini e Lopes (2018, p. 452), afirma que “(re)conhecer a ginástica como manifestação da cultura corporal favorece a disseminação da mesma e a valorização desta rica e importante prática corporal”.

Tendo em vista que a educação nos anos iniciais do ensino fundamental é uma das principais etapas no desenvolvimento da criança, o qual dependerá das inter-relações no meio inserido, o ambiente escolar torna-se um espaço determinante nesse desenvolvimento. Somado a isso, vê-se também contribuições relativas ao desenvolvimento das ginásticas, inseridas tanto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s) quanto na BNCC. Sobre os PCN’s, cabe apresentar que têm por finalidade:

[...] estabelecer referências nacionais comuns ao processo educativo que sejam aplicáveis nas diferentes regiões do país, com o intuito de nortear a prática do professor. Esse documento sugere conteúdos a serem contemplados na educação básica, estando a Educação Física (EF) entre os conhecimentos necessários à formação inicial dos alunos. (Lopes et al., 2015, p. 129).

Em função do componente curricular Educação Física e sua gama de conteúdos, Silva Júnior e Oliveira (2019, p. 2) discorrem que:

A Educação Física escolar historicamente tem ensinado o jogo, a ginástica, a dança, a luta e o esporte. Todos eles agregam importantes saberes e devem ser estudados na Educação Física durante a educação básica. Porém, mesmo sabendo da importância de cada um destes conteúdo para a formação e desenvolvimento psicomotor, social e afetivo do aluno, alguns deles são completamente esquecidos e/ ou retirados por muitos professores de Educação Física, como são os casos da luta, da dança e da ginástica. Esse fato desvaloriza as contribuições proporcionadas por estes conteúdos, tolhe uma parte da formação do aluno e ainda pode descaracterizar o valor pedagógico destes conteúdos dentro das aulas de Educação Física escolar (EFE).

As ginásticas fazem parte do currículo da educação física, segundo documentos oficiais do Governo Federal como os PCN’s e a BNCC. A BNCC, com a sua primeira versão criada em 2015, deveria dialogar com a função dos PCN’s, em nortear os currículos e o planejamento dos professores. Em função dos conteúdos, os PCN’s possuíam as atividades gímnicas, no entanto, caracterizadas como manifestação de um dos blocos de conteúdo - atividades rítmicas e expressivas (Brasil, 1997). Na BNCC, a unidade de ginástica só foi incluída dentro das necessidades do ensino na edição publicada em 06 de março de 2018 (Brasil, 2018).

A unidade de ginástica é composta por múltiplas práticas (artística, rítmica, trampolim, aeróbica, acrobática) que desenvolvem diferentes modos de organização (competição, demonstração) e de significados, por leva à necessidade de explicitar a classificação adotada: ginástica geral (ou ginástica para todos), ginásticas de condicionamento físico e ginásticas de conscientização corporal (Brasil, 2018). De maneira geral, considerando o Documento em questão, a GPT “reúne as práticas corporais que têm como elemento organizador a exploração das possibilidades acrobáticas e expressivas do corpo, a interação social, o compartilhamento do aprendizado e a não competitividade” (Id., 2018, p. 217).

No entanto, embora a ginástica e, mais especificamente, a GPT, apareça em documentos que norteiam o currículo, isso não assegura que o conteúdo estará presente nas escolas, como demonstram também os dados da presente pesquisa. Em diálogo, Bezerra et al. (2015) apontam que a GPT, por ser considerada uma prática nova, ainda é pouco utilizada nos contextos formais educativos, podendo ser devido à falta ou a pouca vivência e a ausência de conhecimento por parte dos professores.

A educação física, assim como os demais componentes curriculares, sofreu mudanças com o tempo, tendo seu currículo alterado em função de seus respectivos objetivos. Lopes et al. (2015) afirmam que nos dias atuais existem na educação física várias concepções pedagógicas que tentam romper o tradicionalismo de resumir a disciplina aos esportes, como: a psicomotricidade, desenvolvimentista, construtivista, entre outras. Face a isso, indica-se que

Estudos apontam para a necessidade de reconhecer as práticas corporais, objeto de estudo da EF, também como riquezas culturais e bens socialmente produzidos. Tal reconhecimento permite identificar neste componente curricular a possibilidade educativa do corpo, ampliando as capacidades humanas e as formas de comunicação entre os indivíduos e com o mundo (Lopes et al., 2015, p. 130).

Estudos de Darido (2003) apontam que o amadurecimento do debate em torno da educação física escolar, a partir de 1980, evidência práticas diversas no escopo da área, porém ainda identifica a permanência e preponderância de práticas tradicionais, isto é, a prevalência de aulas baseadas em modelos esportivista e recreacionista, onde o professor desenvolve esportes tradicionais ou, ainda, entregando a bola aos alunos, se eximindo do ato educativo.

Ainda sobre essa vertente, Maroun afirma que:

Em relação à Ginástica Geral (**Ginástica para Todos**) na educação física escolar, uma das questões mais importantes que deve abrir a reflexão é que, apesar das inúmeras transformações ocorridas na educação física nas últimas décadas, o paradigma esportivista ainda predomina no planejamento e na prática pedagógica dos professores (2015, p. 45, grifo nosso)

O fato dos alunos desconhecerem o que é a GPT vai ao encontro das ideias que os autores supracitados discorreram. A ausência do conteúdo em questão pode ser decorrente da falta de vivências e/ou conhecimentos do professor, como indica Bezerra et al. (2015), ou até mesmo pela ausência de uma educação continuada. Em alguns contextos, essas problemáticas acabam restringindo o ato de ensinar nas aulas de educação física, reduzindo apenas ao “básico”, aos esportes, ao “rola bola”. Nesse desenho pedagógico, os alunos perdem a oportunidade de vivenciar a gama de conteúdos presentes na disciplina e seus respectivos benefícios que, por exemplo, as práticas corporais como as ginásticas, especificamente a GPT, promovem.

Dialogando com tais ideias, Corrêa, Silva e Cabo Verde (2020b) apontaram que a falta de aproximação de professores com o conteúdo gímnico e o conteúdo raso proposto para os alunos advém de uma educação básica fragilizada quando se fala dos alunos, sendo pela falta de conhecimento específicos dos professores, falha na adoção de estratégias de ensino para o conteúdo ou falta de material adequado nas escolas.

No curso de formação em educação física, evidencia-se a importância da GPT por se tratar de um conteúdo de coerente aplicação e por possibilitar a abordagem de eixos temáticos presentes em outras disciplinas, conteúdos e/ou temas transversais (Toledo, 1999; Cesário, 2001; Barbosa-Rinaldi, 2004). Desse modo, a GPT é considerada relevante no âmbito escolar, em sua função educacional e, principalmente, na formação de indivíduos. Bertolini (2005) afirma que as características e os objetivos da GPT evidenciam que o conteúdo, quando conhecido e trabalhado corretamente, torna-se um conteúdo ideal para ser utilizado nas aulas de educação física escolar.

Nessa conjuntura, Schiavon e Nista-Piccolo (2007) apontam que um fator relevante para a ausência da ginástica no âmbito escolar é a falta de bagagem teórica, técnica e prática dos professores em relação a qualquer modalidade da ginástica. Dessa forma, as autoras concluem que:

[...] é necessário capacitar os profissionais, não só oferecendo conhecimentos técnicos relacionados ao conteúdo dos diferentes temas da Educação Física escolar, mas criando possibilidades de transformação dos conhecimentos para a escola, de acordo com as suas realidades. (Schiavon & Nista-Piccolo, 2007, p. 147).

No início das atividades de GPT os alunos estranharam a prática e logo questionaram se haveria atividades com bola: “professor, vai ter bola?”. Tal situação gerou certo desconforto inicial nos alunos, no entanto, ao terem contato com uma nova modalidade, os alunos se mostraram um pouco desconfiados inicialmente, mas se empenharam ao máximo para realizar todas as atividades propostas. Na primeira atividade, utilizando o arco, os alunos de mãos dadas teriam que passar o arco por todo o corpo e entregar para o colega ao lado, sem soltar as mãos. Durante o desenvolvimento da atividade os alunos se mostraram animados, querendo que a atividade continuasse. Ao finalizamos a primeira atividade, foi explicado e exemplificado como seria a segunda atividade, envolvendo rolamentos, sendo eles: rolamento grupado para frente e rolamento grupado para trás. Ao verem a demonstração, grande parte dos alunos ficaram empolgados e alguns ficaram com medo de bater a cabeça, o que foi uma dificuldade inicial. Em virtude disso, foi trabalhado o movimento de forma bem mais cadenciada e com ajuda do professor, o que fez com que esses alunos que estavam com medo se sentissem mais seguros para realizar os rolamentos.

Na realização da terceira atividade, voltada para a parte acrobática, os alunos ficaram dispostos em um grande círculo na quadra. Foi realizada a demonstração dos saltos no meio do círculo, sendo eles: salto estendido, salto grupado, salto afastado e salto carpado, exemplificados por grau de dificuldade. Quando demonstrado o primeiro salto, os alunos acharam fácil, sendo possível destacar alguns relatos:

“Ahhh, esse é fácil, professor”
“Muito fácil, olha aqui!” [E demonstrou o movimento do salto]

No decorrer das demonstrações chegou no último e mais “difícil” – o salto carpado. Ao demonstrar esse salto e observar os alunos fazendo, muitos tiveram dificuldade e falaram:

“Nossa, consigo esse não, professor!”
“Só consigo até aqui” [e demonstrou até onde conseguia]

Como se tratava de um dos mais difíceis saltos, foi solicitado que fizessem em seu máximo, respeitando as individualidades e, ainda, explicando que com treino e prática conseguiriam evoluir na execução do movimento.

Com isso, observou-se que no final da aula já tinham mudado o pensamento inicial, isto é, de que a aula seria ruim por não envolver uma bola. Ao final da aula os questionamentos eram: “professor, o senhor vem na próxima aula?”; “Quando o senhor vem de novo?”.

Esse prazer e a diversão ao conhecer e durante a prática da modalidade se dá, em parte, pelas próprias características da GPT. Ayoub (2003) afirma que a GPT pode proporcionar além do divertimento e satisfação provocada pela própria atividade, o desenvolvimento da criatividade, ludicidade, a busca de novos significados e possibilidades de expressão gímnica.

3.2 A euforia na descoberta das possibilidades acrobáticas

Ao serem questionados sobre a aula, muitos alunos disseram que gostaram muito e que foi legal. Esse *feedback* demonstrou que mesmo sendo propostas atividades que não conheciam, a aula foi prazerosa e divertida. Essa diversão externalizada pelos alunos vai ao encontro de um dos fundamentos da GPT, que é a diversão (*Fun*). Corrêa et al. (2020a) apontam que a diversão se trata do ato de gostar da prática, se sentir bem fazendo determinado movimento, se distrair e um passatempo prazeroso.

Foi possível perceber a diversão (*Fun*) nas falas dos alunos, como vê-se a seguir: “Foi irado, professor”; “Foi bacana”; “Achei irado tudo”.

A GPT também por ser uma modalidade não competitiva, que trabalha com a ludicidade, torna-se uma prática mais livre, sem a exigência de movimentos perfeitos, como aponta Santos (2001). A GPT mistura os mais diversos tipos e fundamentos de ginásticas, teatro, dança, capoeira, elementos circenses e outros elementos da cultura corporal. Além disso, é uma atividade inclusiva, como afirma Bezerra et al. (2015, p. 742), pois “não faz seleção das pessoas, pois enaltece os valores e a individualidade de cada praticante, qualquer que seja a idade, o gênero, a classe social, a etnia, a condição técnica”.

Ayoub (2003) faz apontamentos sobre a GPT. Dentre eles, afirma que fatores permitem à GPT a abertura para o divertimento, o lazer e o prazer em relação à prática, dando oportunidade ao participante no que tange seus limites motores individuais, promovendo também a convivência intergrupala. Ainda, por não apresentar regras rígidas pré-estabelecidas, flexibiliza o desenvolvimento da prática, dialogando com outras atividades gímnicas, com a dança, o teatro, o jogo, os esportes, deixando evidente que há uma liberdade para a expressão, criação, o lúdico e a adequação de realidades.

Um ponto importante a ser destacado é que além da diversão que a GPT proporciona para seus praticantes, também existem inúmeros benefícios de sua prática, como: melhoria e manutenção da saúde, incentivo à prática regular de atividade física por meio da ludicidade, integração e a sociabilidade entre os praticantes, estímulo à criatividade e contribuições para o bem-estar (Toledo, 2001; Santos, 2001; Ayoub, 2003; Bertolini, 2005).

Silva Júnior e Oliveira (2019, p. 11) fazem apontamentos relacionando a GPT e a diversão:

A GPT é caracterizada pela diversidade, ludicidade e prazer pela prática, e tem como elementos constitutivos as ginásticas, danças, jogos, brincadeiras e outros elementos da cultura corporal de movimento. [...] a GPT com possibilidade de uma prática interdisciplinar, que pode envolver diversos conteúdos, e o diálogo com diferentes linguagens.

Quando se fala em diversão e na parte da aula considerada mais interessante para os alunos, os dados obtidos também mostram de forma específica a parte acrobática como a que mais gostaram. Apresenta-se abaixo alguns relatos oriundos do grupo focal:

“Eu gostei daquela do... da pirâmide”.

“Sim, da pirâmide e do outro lá, de rolar”.

“Gostei daquele também” [e reproduziu uma parte do movimento, querendo dizer que foi a parte dos saltos].

“O mortal, de vez em quando aparece na tv”.

A parte acrobática cativou os alunos principalmente pela plasticidade do movimento e devido a ausência de vivências nessa prática. Abaixo vê-se algumas respostas dos alunos quando indagados se já haviam praticado os saltos:

“Não, saltos não”.

“Não, eu vi na tv só”.

“Eu vi na tv, na olímpicos” [quis dizer olímpicas]

Dessa forma, foi possível perceber o interesse dos alunos para a prática dos saltos, sobretudo por não terem realizado, só observado nas olimpíadas pela televisão. Os alunos demonstraram e relataram ter se encantado pelo movimento, realidade que vai ao encontro do que colocam Ramos e Viana (2008), isto é, os autores apontam que existem muitos fatores que influenciam os alunos na escolha e prática de suas atividades físicas, e a mídia, por exemplo, é um dos principais veículos para tal.

Na aula, foi trabalhado elementos gímnicos como rolamentos, saltos, equilíbrios e, por fim, uma pirâmide composta por três alunos. Contudo, foi apresentado para eles a pirâmide humana de 28 pessoas feita por um grupo de GPT, a qual o pesquisador participou em uma apresentação (Figura 1).

Figura 1. Pirâmide Humana.



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

Os alunos ficaram bastante empolgados quando viram, sendo considerada a parte da aula que mais gostaram e que mais se interessaram, como destaca-se em algumas falas obtidas no grupo focal. Todos os alunos se mostraram interessados nas figuras por serem feitas por um grupo de pessoas. Também se interessaram na organização da pirâmide, especificamente pelo tamanho, visualização quando pronta e pela curiosidade de como fazê-la. Após ver a foto da pirâmide, alguns alunos expressaram:

“Nossa, professor! Tem muita gente”.
“Deve ser pesado, né?”
“Bora fazer uma assim aqui, professor”.
“Eu que não quero ficar na parte de cima”.

Por fim, ao visualizarem uma pirâmide feita por 28 pessoas, foi solicitado que os alunos fizessem trios, pois a última atividade consistiria na construção de uma pirâmide de três pessoas. Primeiramente, a pirâmide foi demonstrada pelo professor, com auxílio de três alunos, enquanto os demais observaram. Posteriormente, os alunos rapidamente se mobilizaram com seus trios para fazer a pirâmide. Ao realizarem, mostravam-se felizes e empolgados.

“Olha aqui, professor, é assim?”
“Olha aqui também, professor, tá bonito?”
“Tira uma foto da nossa pirâmide aqui”.

Em suma, a partir do discurso dos alunos, externou-se a não vivência no conteúdo da gímnico, especificamente da prática da GPT no ambiente educacional, visto que os alunos não conheciam o conteúdo. Porém, a partir do contato com a modalidade, no desenvolvimento da aula teórico-prática proposta, os alunos mostraram-se favoráveis e interessados à prática.

4. Considerações Finais

O estudo conduzido evidenciou que na escola pesquisada ainda não há a disseminação e prática do conteúdo de Ginástica para Todos (GPT), mesmo sendo uma prática que vem crescendo nos últimos anos. Por ser uma modalidade não competitiva e com características voltadas à inclusão, é enxergada como um caminho para ser trabalhada na escola, possibilitando que todos a pratiquem. Ainda, é possível quebrar paradigmas e conceitos impostos pela sociedade e pela mídia no quesito de “corpo ideal”, pois pode ser praticada por pessoas de qualquer altura, idade, peso e com diferentes níveis de habilidades físicas.

A prática da GPT no âmbito educacional se distancia do esporte de alto rendimento, cujo intuito principal é a promoção do lazer, a interação com as pessoas e com o meio, o bem-estar físico e mental, além de proporcionar benefícios voltados ao enriquecimento através da diversidade cultural, o exercício da criatividade, o trabalho em equipe, a amizade, a formação de um ser social, auxiliando também na melhora de capacidades físicas e habilidades motoras. Todos esses benefícios caminham junto de uma prática lúdica e divertida, em que os indivíduos aprendem também brincando.

Um dos pontos que se deve destacar também é o porquê da falta desse conteúdo na escola. Esse aspecto não foi investigado nessa pesquisa, mas a partir da literatura selecionada para discutir os resultados, vê-se que os principais motivos referem-se a pouca ou ausência de vivência acerca deste conteúdo pelos professores e/ou a falta de formação continuada, fazendo com que o professor(a) se sinta despreparado para promover a GPT em sua escola, optando, muitas vezes, por propor o “básico”, reduzindo a educação física, mais uma vez, a atividades esportivas tradicionais como o futebol, vôlei e queimada.

No que tange a percepção dos alunos, mesmo não conhecendo o conteúdo inicialmente, foi notável o interesse e empolgação para com a GPT após o primeiro contato, dando a entender que é uma prática que eles fariam constantemente se possível, por seus aspectos de movimentos plásticos já vistos por veículos como a TV, brincadeiras, diversificação de materiais, entre outros meios. Dessa forma, acredita-se que é viável a inserção da prática de Ginástica e, mais especificamente, de GPT nas aulas de educação física escolar. Esse conteúdo, previsto na BNCC, pode ser trabalhado com os estudantes amplamente, atendendo as dimensões conceitual, procedimental e atitudinal, em busca do desenvolvimento pleno dos envolvidos, que poderá acontecer de forma prazerosa e divertida, isto é, aprender a GPT também brincando.

Agradecimentos

A presente pesquisa foi realizada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001 e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM. Registramos aqui os nossos agradecimentos.

Referências

- Acacio, M. G. S. & Venditti Junior, R. (2016). Atividades expressivas inclusivas: um relato de experiência sobre o ensino da ginástica para todos no âmbito escolar. *Cadernos de Formação RBCE*, 7(1). <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2215/1198>
- Aschidamini, I. M. & Saupe, R. (2004). Grupo focal estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. *Cogitare Enfermagem*, 9(1). <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/1700>
- Ayoub, E. et al. (2003). *Ginástica Geral e Educação Física Escolar*. Unicamp.
- Barbosa-Rinaldi, I. P. (2004). *A ginástica como área de conhecimento na formação profissional em Educação Física: encaminhamentos para uma estruturação curricular* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bertolini, C. M. (2005). Ginástica geral na escola: uma proposta pedagógica desenvolvida na rede estadual de ensino. *Conexões*, 3(1). <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637897/5588>
- Bezerra, L. A., Gentil, R. N. & Farias, G. O. (2015). A ginástica para todos na formação inicial: do contexto histórico à produção do conhecimento. *Pensar a Prática*, 18(3). <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/32966/19026>

Brasil. (1997). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Educação física*. Secretaria de Educação Fundamental - Brasília: MEC/SEF. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>

Brasil. (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC. http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf

Carbinatto, M. V., Soares, D. B. & Bortoleto, M. A. C. (2016). Gym Brasil-Festival Nacional de Ginástica para todos. *Motrivivência*, 28(49), 128-145. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n49p128>

Cesário, M. (2001). *A organização do conhecimento da ginástica no currículo de formação inicial do profissional de Educação Física: realidade e possibilidades*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.

Corrêa, L. S., Cabo Verde, E. J. S. R. & Carbinatto, M. V. (2020a). O festival de Parintins e aspectos da Ginástica para Todos. *Corpoconsciência*, 24(01), 95-107. <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/9797>

Corrêa, L. S., Silva, C. B. & Cabo Verde, E. J. S. R. (2020a). Ginástica na Universidade: Atuação de professores na pesquisa, ensino e extensão no Amazonas. *Research, Society and Development*, 9(12), 1-16. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i12.10615>

Darido, S. C. (2003). Educação física na escola: questões e reflexões. Guanabara Koogan.

Lopes, P., Leal, J., Valiengo, A., Gonçalves, E., Gomes, N. & Pessoa, T. (2015). Ginástica para todos e literatura: realidade, possibilidades e criação. *Conexões*, 13, 144-163. <https://doi.org/10.20396/conex.v13iEsp..8637581>

Maroun, K. (2015). Ginástica Geral e Educação Física Escolar: uma possibilidade de intervenção pautada na diversidade cultural. *Revista Contemporânea de Educação*, 10(19), 40-54. <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1928/1989>

Menegaldo, F. R. & Bortoleto, M. A. C. (2020). Ginástica para todos e coletividade: nos meandros da literatura científica. *Motrivivência*, 32(61), 01-17. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e62007>

Ramos, E., Viana, H. B. (2008). A importância da ginástica geral na escola e seus benefícios para crianças e adolescentes. *Movimento e Percepção*, 9 (13), 190-199.

Santos, J. C. E. (2001). *Ginástica Geral-Elaboração de Coreografias e Organização de Festivais*. Editora Fontoura.

Santos, T. T. S., Nobre, J. N. P., Niquini, C. M. & Lopes, P. (2018). A Ginástica Para Todos nas aulas de educação física: um estudo de caso. *Conexões*, 16(4), 450-467. <https://doi.org/10.20396/conex.v16i4.8653973>

Schiavon, L. & Nista-Piccolo, V. L. (2007). A ginástica vai à escola. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 13(3), 131-150. <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3572/1971>

Severino, A. J. (2017). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez editora.

Silva Júnior, I. V. & Oliveira, M. F. (2019). A ginástica para todos na educação física escolar: uma análise da produção científica. In: Linhares, W. L. *Ciências do esporte e Educação Física: uma nova agenda para a emancipação*. Ponta Grossa: Atena Editora.

Soares, C. L., Taffarel, C. N. Z., Varjal, E., Castellani Filho, L., Escobar, M. O. & Bracht, V. (1992). *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez.

Toledo, E. (1999). *Proposta de conteúdos para a ginástica escolar: um paralelo com a teoria de Coll*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas.

Toledo, E. (2001). A ginástica geral como um conteúdo procedimental da ginástica escolar. In: Anais do Fórum Internacional de Ginástica Geral, 1., 2001. UNICAMP/SESC.

Trad, L. A. B. (2009). Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis: revista de saúde coletiva*, 19(3), 777-796. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000300013>